

O QUE É O ECOSSOCIALISMO?



Questões da Nossa Época
Volume 54

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Löwy, Michael, 1938- .

O que é o ecossocialismo? / Michael Löwy. — 2. ed. — São Paulo : Cortez, 2014. — (Coleção questões da nossa época ; v. 54)

Bibliografia.

ISBN 978-85-249-2209-1

1. Ecologia - Aspectos políticos 2. Ecologia humana 3. Mendes, Chico, 1944-1988 4. Política ambiental 5. Proteção ambiental 6. Socialismo - Aspectos ambientais I. Título. II. Série.

14-05630

CDD-304.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Ecossocialismo : Sociologia 304.2

Michael Löwy

O QUE É O ECOSSOCIALISMO?

2ª edição
4ª reimpressão

 **CORTEZ**
EDITORA

O QUE É O ECOSSOCIALISMO?

Michael Löwy

Capa: aeroestúdio

Preparação de originais: Solange Martins

Revisão: Maria de Lourdes de Almeida

Composição: Linea Editora Ltda.

Coordenação editorial: Danilo A. Q. Morales



Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou duplicada sem autorização expressa do autor e do editor.

Direitos para esta edição

CORTEZ EDITORA

Rua Monte Alegre, 1074 – Perdizes

05014-001 – São Paulo – SP

Tel. (11) 3864 0111 Fax: (11) 3864 4290

E-mail: cortez@cortezeditora.com.br

www.cortezeditora.com.br

Impresso no Brasil — abril de 2021

Sumário

Introdução — Antes do dilúvio	7
1. A herança de Chico Mendes.....	11
2. Progresso destrutivo: Marx, Engels e a ecologia	21
3. O que é o ecossocialismo?.....	39
4. Por uma ética ecossocialista	61
5. Ecossocialismo e planejamento democrático.....	71
Bibliografia	99
Anexos	
Manifesto Ecossocialista Internacional.....	103
Rede Brasil de Ecossocialistas	110
Declaração Ecossocialista de Belém	114

Introdução

Antes do dilúvio

Este livro é uma reedição ampliada de uma obra publicada pela Cortez Editora com o título *Ecologia e Socialismo* (2004). Ele inclui um novo artigo intitulado “Ecosocialismo e planejamento democrático”, publicado primeiro em inglês, na revista *Socialist Register* (2011), e depois em português, na revista *Crítica Marxista* (2012). Outra novidade é o “Manifesto de Belém”, uma declaração ecosocialista internacional sobre a questão da mudança climática, redigida por Joel Kovel, Ian Angus e o autor deste livro. Assinada por centenas de pessoas de várias dezenas de países, foi distribuída em inglês e português por ocasião do Fórum Social Mundial de Belém do Pará (graças à ajuda de Pedro Ivo Batista e da Rede Ecosocialista Brasileira).

Resolvemos mudar o título desta nova edição, que agora corresponde mais diretamente ao conteúdo do livro e à sua principal proposta, o ecosocialismo.

Uma edição um pouco maior deste livro existe em francês e em castelhano, com o título *Ecosocialismo: La alternativa radical a la catástrofe ecológica capitalista*. E uma versão inglesa está em via de ser publicada.

O climatólogo norte-americano James Hansen, um dos maiores especialistas mundiais sobre a questão da mudança climática — a administração Bush tentou, em vão, impedi-lo de tornar públicos seus diagnósticos —, escreve o seguinte no primeiro parágrafo de seu livro publicado em 2009: “O planeta Terra, a Criação, o mundo no qual a civilização se desenvolveu, o mundo com as normas climáticas que nós conhecemos e com as margens do oceano estáveis, está em perigo iminente. A urgência da situação só se cristalizou nos últimos anos. Nós temos agora provas evidentes da crise (...). A surpreendente conclusão é que a continuação da exploração de todos os combustíveis fósseis da Terra ameaça não somente milhões de espécies do planeta, mas também a sobrevivência da própria humanidade — e os prazos são mais curtos do que pensávamos”.¹

Como reagem diante desta ameaça dramática os poderosos do planeta: bilionários, banqueiros, investidores, executivos, ministros, parlamentares e outros «expertos»? Motivados pela racionalidade estreita e míope do sistema capitalista, obcecados pelos imperativos de «crescimento» e expansão, pela luta por partes do mercado, pela competitividade, pelas margens de lucro e pela rentabilidade, os membros da oligarquia dominante parecem obedecer ao princípio proclamado pelo rei da França Luís 15: “depois de mim, o dilúvio”. O espetacular fracasso de todas as conferências internacionais sobre a mudança climática — Copenhague, Doha, Rio de Janeiro etc. — é a manifestação mais

1. James Hansen, *Storms of my Grandchildren. The Truth About the Coming Climate Catastrophe and Our Last Chance to Save Humanity*, New York: Bloomsbury, 2009, p. IX.

visível desta atitude. O dilúvio do século XXI corre o risco de tomar a forma, como aquele da mitologia bíblica, de uma elevação inexorável do nível do mar, afogando sob as ondas do oceano as cidades da civilização humana.

Qual é então a solução alternativa? Mudar o comportamento individual dos consumidores, como propõem tantos ecologistas? A crítica cultural do consumismo é necessária, mas perfeitamente insuficiente. É preciso atacar o próprio modo de produção: se o problema é sistêmico, a solução tem de ser antissistêmica, isto é, anticapitalista. O projeto ecossocialista consiste em associar o “vermelho” — a crítica marxista do capital e a alternativa socialista — com o “verde”, a crítica ecológica do produtivismo. O ecossocialismo surge nos anos 1970; entre seus pioneiros estão Manuel Sacristán (Espanha), Raymond Williams (Inglaterra), André Gorz (França), James O'Connor (Estados Unidos) e Frieder Otto Wolf (Alemanha). Com a publicação do Manifesto Ecossocialista Internacional (2001) e a fundação da Rede Ecossocialista Internacional (2007), esta corrente ganha em extensão, tanto na Europa como na América Latina, como testemunham a Conferência Ecossocialista Europeia de Genebra e a Conferência Ecossocialista de Quito, Equador, ambas em 2014.

Trata-se de uma proposta radical — isto é, que ataca a raiz do sistema — que se distingue tanto das variantes produtivistas do socialismo no século XX — a social-democracia ou o “comunismo” de tipo estalinista — quanto das correntes ecológicas que se acomodam, de uma ou outra forma, ao sistema capitalista. Uma proposta que almeja não só a transformação das relações de produção, do aparelho produtivo e do padrão de consumo dominante, mas sobre-

tudo construir um novo tipo de civilização, em ruptura com os fundamentos da civilização capitalista/industrial ocidental moderna.

A presente coletânea de artigos não é uma formalização sistemática das ideias e práticas ecossocialistas, mas, mais modestamente, uma tentativa de explorar alguns de seus aspectos. O livro não se propõe codificar uma doutrina, ou estabelecer uma ortodoxia. Uma das qualidades do ecossocialismo é precisamente sua diversidade, sua pluralidade, a multiplicidade de perspectivas e pontos de vista — o que não impede, naturalmente, as convergências, como mostram os documentos ecossocialistas coletivos publicados em anexo.

Paris, 15 de julho de 2014

1

A herança de Chico Mendes

A convergência entre ecologia e socialismo teve no Brasil um precursor na extraordinária figura de Chico Mendes, um lutador que pagou com sua vida seu compromisso com a causa dos povos da floresta amazônica. Chico se transformou numa figura legendária, um herói do povo brasileiro, mas o tratamento mediático de sua história tende a ocultar a *radicalidade* social e política de seu combate. Existem também tentativas infelizes de “cortar pela metade” sua herança política: ecologistas reconciliados com o capitalismo “esquecem” seu compromisso socialista, enquanto socialistas atrasados negam a dimensão ecológica de sua luta.

Formado na cultura cristã libertadora das comunidades de base, o jovem seringueiro Francisco Alves Mendes Filho, nascido em 15 de dezembro de 1944, descobre o marxismo nos anos 1960 graças a um veterano comunista, Euclides Fernandes Távora, antigo tenente de 1935, partidário de Luís Carlos Prestes, que, depois de ficar preso em Fernando de Noronha, se exilou na Bolívia, onde participou nas lutas

populares; perseguido, foi morar na selva amazônica, na fronteira do Acre com a Bolívia.

Este aprendizado marxista teve uma influência importante na formação das ideias políticas de Chico Mendes: em suas próprias palavras, o encontro com Távora “foi uma das melhores ajudas e uma das razões pelas quais eu julgo que estou em toda essa luta. Outros companheiros, infelizmente, naquela época, não tiveram o privilégio de receber uma orientação tão importante como a que recebi para o futuro”.¹

Em 1975 Chico funda, junto com Wilson Pinheiro, o sindicato dos trabalhadores rurais de Brasileia, e, pouco depois, em 1977, o sindicato dos trabalhadores rurais de Xapuri, sua terra natal. No mesmo ano, é eleito vereador pelo MDB para a Câmara Municipal local, mas bem rapidamente se dá conta de que este partido não é solidário com suas lutas.

É nesta época que ele vai inaugurar, com seus companheiros do sindicato, uma forma de luta não violenta inédita no mundo: os famosos *empates*. São centenas de seringueiros, com suas mulheres e filhos, que se dão as mãos e enfrentam, sem armas, os buldôzers das grandes empresas interessadas no desmatamento, na derrubada das árvores. Algumas vezes os trabalhadores são derrotados, mas frequentemente conseguem parar, com suas mãos nuas, os tratores, buldôzers e motosserras dos destruidores da floresta, ganhando, às vezes, a adesão dos peões encarregados do desmatamento.

1. *Chico Mendes por ele mesmo*. Rio de Janeiro: Fase, 1989. p. 64. Trata-se de uma entrevista autobiográfica realizada em Xapuri em novembro-dezembro de 1988 pelo prof. Pedro Vicente Sobrinho, da Universidade Federal do Acre, segundo um roteiro estabelecido por Candido Grzybowksi, professor na Fundação Getúlio Vargas.

O inimigo dos seringueiros são os latifundistas, o agrogócio, as empresas madeireiras ou pecuárias, que querem derrubar as árvores para exportar a madeira e/ou para plantar mato no lugar da floresta, criando gado para a exportação. Um inimigo poderoso, que conta com seu braço político, a UDR, seu braço armado, os jagunços e pistoleiros mercenários, e inúmeras cumplicidades na Polícia, na Justiça e nos governos (local, estadual e federal).

É a partir desta época que Chico Mendes começa a receber as primeiras ameaças de morte; pouco depois, em 1980, seu companheiro de lutas, Wilson Pinheiro, será assassinado. Para vingar este crime, que, como de costume, ficou impune, um grupo de seringueiros resolveu “justiçar” o fazendeiro mandante do assassinato.² Chico Mendes é enquadrado pelo regime militar na Lei de Segurança Nacional, a pedido dos fazendeiros da região que procuravam envolvê-lo nesse episódio. Várias vezes, em 1980 e 1982, ele é levado a julgamento diante de Tribunais Militares, acusado de “incitação à violência”, mas acaba sendo absolvido, por falta de provas.

Nestes primeiros anos de sua atividade sindical, Chico Mendes, socialista convicto, milita nas fileiras do Partido

2. Em sua entrevista autobiográfica, Chico Mendes descreve este incidente: “Mataram Wilson e os trabalhadores ficaram em desespero. [...] Sentindo que não iam ter nenhuma resposta por parte da Justiça [...] foram emboscar um dos fazendeiros, um dos mandantes da morte de Wilson Pinheiro. [...] Os trabalhadores submeteram o fazendeiro a um julgamento sumário e a decisão foi pelo seu fuzilamento. [...] Mas, aí, a Justiça funcionou desta vez, de uma forma muito brava. Durante 24 horas, dezenas, centenas de seringueiros foram presos, torturados, alguns de unha arrancada com alicate. A Justiça funcionou porque tinha sido uma reação do pequeno contra o grande”. *Chico Mendes por ele mesmo*. Rio de Janeiro: Fase, 1989. p. 19.

Comunista do Brasil. Decepcionado com este partido que, segundo seu depoimento, na hora da luta “se escondia atrás das cortinas”,³ ele adere em 1979-80 ao novo Partido dos Trabalhadores, fundado por Lula e seus companheiros, situando-se logo em sua ala esquerda, socialista. Sua tentativa de se eleger deputado estadual pelo PT em 1982 não tem sucesso, o que não é de surpreender, considerando a pouca base eleitoral do partido nestes primeiros anos. Em 1985 ele organiza, com seus companheiros sindicalistas, o Encontro Nacional dos Seringueiros que vai fundar o Conselho Nacional dos Seringueiros. Sua luta recebe o apoio do PT, da Pastoral da Terra, da CUT e do MST, que se está formando nesta época.

É nestes anos que o combate dos seringueiros e outros trabalhadores que vivem da extração (castanha, babaçu, juta) para defender a floresta vai convergir com o das comunidades indígenas e grupos camponeses diversos, dando lugar à formação da Aliança dos Povos da Floresta. Pela primeira vez, seringueiros e indígenas, que tantas vezes se haviam enfrentado no passado, unem suas forças contra o inimigo comum: o latifúndio, o agro-business, o capitalismo agrícola destrutor da floresta. Chico Mendes definiu com as seguintes palavras as bases desta aliança: “Nunca mais um companheiro nosso vai derramar o sangue do outro; juntos nós podemos proteger a natureza, que é o lugar onde

3. “Eu discordava de algumas posições do PCdoB, naquela época, porque quando a gente se articulava contra o latifúndio, quando eu enfrentava a luta, os embates e a repressão caíam em cima de mim, eles se escondiam por detrás das cortinas. Só eu aparecia na história. Comecei a ficar meio bravo com aquilo, desconfiando daquilo. Rompi com o grupo do PCdoB e aderi ao Partido dos Trabalhadores”. (*Chico Mendes por ele mesmo*, p. 69)

nossa gente aprendeu a viver, a criar os filhos e a desenvolver suas capacidades, dentro de um pensamento harmonioso com a natureza, com o meio ambiente e com os seres que habitam aqui”.⁴

Chico Mendes era perfeitamente consciente da dimensão ecológica desta luta, que interessava não só aos povos da Amazônia, mas a toda a população mundial, que depende da floresta tropical (“o pulmão verde do planeta”):

“Descobrimos que para garantir o futuro da Amazônia era necessário criar a figura da reserva extrativista como forma de preservar a Amazônia. [...] Nós entendemos, os seringueiros entendem, que a Amazônia não pode se transformar num santuário intocável. Por outro lado, entendemos, também, que há uma necessidade muito urgente de se evitar o desmatamento que está ameaçando a Amazônia e com isto está ameaçando até a vida de todos os povos do planeta. [...] O que nós queremos com a reserva extrativista? Que as terras sejam da União e que elas sejam de usufruto dos seringueiros ou dos trabalhadores que nela habitam, pois não são extrativistas só os seringueiros.”⁵

A solução proposta, uma espécie de reforma agrária adaptada às condições da Amazônia, é de inspiração socialista, posto que se baseia na propriedade pública da terra, e no usufruto dos trabalhadores. É provavelmente nesta

4. Discurso de Chico Mendes, citado por Ailton Krenak, coordenador da União das Nações Indígenas. In: *Chico Mendes*, Sindicato dos Trabalhadores de Xapuri, Central Única dos Trabalhadores. São Paulo, p. 26, jan. 1989.

5. *Chico Mendes por ele mesmo*. Rio de Janeiro: Fase, 1989. p. 24. O título deste capítulo da entrevista autobiográfica é “A criação de reservas extrativistas na Amazônia como alternativa ecológica e econômica”.

época que Chico diz à sua companheira de lutas Marina Silva: “Nega velha, isso que a gente faz aqui é ecologia. Acabei de descobrir isso no Rio de Janeiro”.⁶

Em 1987, organizações ambientalistas americanas convidam Chico Mendes para dar seu testemunho em uma reunião do Banco Interamericano de Desenvolvimento; sem hesitação, ele denuncia que o desmatamento da Amazônia era resultado dos projetos financiados pelos bancos internacionais. É a partir deste momento que ele se torna internacionalmente conhecido, recebendo, pouco depois, o Prêmio Ecológico “Global 500”, das Nações Unidas. Seu combate era, ao mesmo tempo, social e ecológico, local e planetário, “vermelho” e “verde”.

Pragmático, homem de terreno e de ação, organizador e lutador, preocupado com questões práticas e concretas — alfabetização, formação de cooperativas, busca de alternativas econômicas viáveis — Chico era também um sonhador e um utopista, no sentido nobre e revolucionário da palavra. É impossível ler sem emoção o testamento socialista e internacionalista que ele deixou para as gerações futuras, publicado depois de sua morte numa brochura do sindicato de Xapuri e da CUT:

“Atenção, jovem do futuro!

6 de setembro do ano de 2120, aniversário do primeiro centenário da revolução socialista mundial, que unificou todos os povos do planeta, num só ideal e num só pensamento de unidade socialista, e que pôs fim a todos os inimigos da nova sociedade.

6. Cf. *Legado Chico Mendes*. Rio de Janeiro: Sesc, 2003. p. 38.

Aqui ficam somente a lembrança de um triste passado de dor, sofrimento e morte.

Desculpem. Eu estava sonhando quando escrevi estes acontecimentos que eu mesmo não verei. Mas tenho o prazer de ter sonhado”.⁷

Em 1988, o Encontro Nacional da CUT aprova a tese apresentada por Chico Mendes em nome do Conselho Nacional dos Seringueiros, com o título “Defesa da Natureza e dos Povos da Floresta”, que apresenta, entre suas reivindicações, a seguinte exigência, ao mesmo tempo ecológica e social: “pela imediata desapropriação dos seringais em conflito para a implantação de assentamentos extrativistas de modo a não agredir a natureza e a cultura dos povos da floresta, possibilitando a utilização autossustentável dos recursos naturais, incrementando tecnologias secularmente desenvolvidas pelos povos estratores da Amazônia...”⁸

Ele obtém nesta época duas vitórias importantes: a implantação das primeiras reservas extrativistas criadas no Estado do Acre, e a desapropriação do Seringal Cachoeira, do latifundista Darly Alves da Silva, em Xapuri. Chico atribuía grande significado a esta conquista: “A coisa mais importante para estimular a continuidade deste movimento foi a vitória dos seringueiros da Cachoeira. Esta vitória da Cachoeira teve uma repercussão positiva para toda a região, pois os seringueiros estão conscientes de que eles lutaram contra o grupo mais forte, com assassinos sanguinários. Os

7. *Chico Mendes*, Sindicato dos Trabalhadores de Xapuri, Central Única dos Trabalhadores. São Paulo, p. 34, jan. 1989.

8. *Ibid.*, p. 21.

seringueiros tinham consciência que estavam lutando com o esquadrão da morte e mesmo assim não temeram. Tivemos dias em que contamos com 400 seringueiros reunidos [...] em piquetes no meio da mata [...]”.⁹

Para a oligarquia rural, que tem, há séculos, o hábito de “eliminar” — em total impunidade — aqueles que ousam organizar os trabalhadores para lutar contra o latifúndio, ele é um “cabra marcado para morrer”. Pouco depois, em dezembro de 1988, Chico Mendes é assassinado, em frente a sua casa, por pistoleiros a serviço dos Alves da Silva.

Por sua articulação entre socialismo e ecologia, reforma agrária e defesa da Amazônia, lutas camponesas e lutas indígenas, a sobrevivência de humildes populações locais e a proteção de um patrimônio da humanidade — a última grande floresta tropical ainda não destruída pelo “progresso” capitalista — o combate de Chico Mendes é um movimento exemplar, que continuará a inspirar novas lutas, não só no Brasil mas em outros países e continentes.

A herança de Chico Mendes está presente nas lutas, nos combates de seringueiros e indígenas, na mobilização dos camponeses contra os transgênicos, na convergência entre ecologia e socialismo que começa a se realizar, não só em pequenas redes militantes, mas também em torno do mais importante movimento social do Brasil, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

No quadro das comemorações do seu 20º aniversário, o MST organizou, em colaboração com a UFRJ, um seminário internacional no Rio de Janeiro (julho de 2004) sobre

9. *Chico Mendes por ele mesmo*, p. 57.

os “Dilemas da Humanidade”.¹⁰ Na brochura de apresentação da Conferência, encontramos resumido, em belas palavras, o “sonho de olhos abertos” (para usar uma expressão do filósofo marxista da esperança Ernst Bloch) dos organizadores: “um sonho que teima em acontecer: um mundo igualitário, que socialize suas riquezas materiais e culturais”. No mesmo documento encontramos este diagnóstico da realidade atual: “A tal ponto o mundo encontra-se aviltado que não se trata mais de pensar estratégias para fazê-lo “voltar aos eixos”; trata-se de construir um caminho novo, baseado na igualdade entre os seres humanos e em princípios ecológicos”. Um caminho novo, igualitário e ecológico, socializando as riquezas: acho que Chico Mendes se reconheceria neste programa.

10. Nesta ocasião, o autor deste livro teve a oportunidade de fazer uma exposição sobre o ecossocialismo, que suscitou ampla discussão.